

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira á 1 hora da tarde; aos Srs. que, o mais tardar quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar; para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PARA NÃO MORRER QUEIMADO.

2696 Um perigo a que muito sujeitas andam as creanças, mormente nas cazas de campo, onde as mães as deixam ás vezes fechadas e sós, enquanto se vão tractar da sua vida, é o de se lhe incendiarem os fatinhos e perecerem abrasadas, desgraça de que todos os annos occorrem exemplos, dos quaes alguns se acham já registados n'este archivo.

Eis o que para precaver taes desastres, se nos offerece n'um jornal italiano: —

« Depois de se lavarem os vestidos, mergulhem-se em agua, em que se haja derretido uma pequena quantidade de sal nitro, e ponham-se a seccar: não só ficarão mais bellos e com as côres avivadas, mas tambem livres de incendio. Póde, sim, prender-lhes o fogo, mas lavra muito lentamente sem nunca levantar labareda, pelo que facilmente se deixa extinguir. »

PARA NÃO MORRER AFOGADO.

2697 ALGUMAS veses têmos annuciado n'esta folha invenções tendentes a se livrarem os caídos n'agua ao perigo de se afogar. Em pontos de tão capital utilidade não deve nunca haver pejo em insistir por mais que a nescios se desagrade. Traduzimos pois o seguinte d'um jornal inglez.

« Muitos methodos têm sido suggeridos para salvar vidas em caso de desgraças maritimas; o seguinte foi-me communicado como experiencia feita ultimamente pelo proprio que m'o escreveu: d'esta maneira se aguentou elle sobre o mar em Plymouth, espaço de vinte minutos, e poderia talvez continuar. Havendo perigo de se virar ou ir a pique a embarcação, ponha-se o chapéo prompto debaixo da barba, para o sustentar sobre a agua com as mãos da mesma maneira que sobre a cabeça. O ar contido na copa impedirá a agua de subir, o que bastará para sustentar a cabeça toda fóra d'ella.

ESPANTOSO PURIFICADOR DO AR.

Lê-se no excellente JORNAL DOS FACULTATIVOS MILITARES de dezembro o seguinte: —

2698 « Ha poucos dias fez-se no hospicio da *Salpêtrière* (Pariz) uma experiencia das mais curiosas, e cujos resultados podem ter grande importancia industrial, como já a tem pelo lado scientifico. Tractava-se de experimentar uma machina inventada pelo Dr. Payerne denominada *apuradora*, e cujo objecto é purificar o ar, sem o renovar, nos hospitaes, nas prisões, nas minas, e mergulhadores, e geralmente em todos os logares onde se acha viciado, e improprio á respiração. A academia das sciencias era representada por MM. Boussingault e Dumas; a administração dos hospitaes por MM. Batel, Censier e Trelat.

FEYERFRO — 22 — 1844.

Muitos medicos, chimicos distinctos, assistiam á experiencia, a qual surtiu o effeito desejado, reconhecendo-se comtudo que é ainda susceptivel de melhoramentos e simplificações. O principal do problema que o inventor teve em vista resolver, é o seguinte — *purificar completamente o ar d'um logar fechado, sem se pôr em communicação com o ar exterior*: esta parte pareceu conseguir-se, ao mesmo tempo que o thermometro desceu muitos gráus. Em poucos dias o Dr. Payerne propõe-se fazer no Sena, na altura do *Pont royal*, a experiencia de seu sino mergulhador, construido conforme os mesmos dados que seu apurador, isto é, permittindo aos trabalhadores o ficarem debaixo d'agua tempo indeterminado, sem terem a menor communicação com o ar atmosphérico.

ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

Reimprimimos, gostosos de poder ajudar com o nosso pequeno brado o tão portuguez empenho dos Srs. Guimaraes e Rubião, o seguinte requerimento publicado avulso e que traz por titulo: —

REQUERIMENTO E MEMORIA JUSTIFICATIVA CONTRA A PERTEENÇÃO DE CLEGG E COMP., LEVADO Á PRESENÇA DE SUA Magestade PELA SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA EM DATA DE 24 DE JANEIRO DE 1844.

2699 SENHORA: Dizem José Antonio de Mattos Guimaraes e Comp., administradores da fundição da Boa Viagem, e Francisco Ignacio Pereira Rubião, director da companhia d'artefactos de metaes, que lhes consta achar-se tractada a illuminação a gaz d'esta cidade do Porto, entre uma companhia estrangeira e a camara municipal da mesma cidade, e que entre as condições d'esse ajuste, entra a de conceder o governo isenção de direitos do apparelho e mais partes para se extrair o gaz e distribuil-o, com perda do thesouro, que não está rico, e com perda da industria fabril nacional, que assim é tolhida em objectos que ella póde muito bem fazer executar, porque todos os dias executa obras de mais difficuldade no genero de ferro coado e serralharia. O argumento que se tem empregado de não haver em Portugal uma fundição, que possa em pequeno prazo apromptar quanto é necessario para o estabelecimento da illuminação, não passa de especioso, porque no Porto existem tres fundições, outra nas suas visinhanças, e duas ou tres em Lisboa, onde tudo póde fazer-se sem ser necessario diminuir a renda publica, nos direitos d'alfandega pela entrada do ferro e carvão, e sem se expôr o governo a não colher mais cinco réis de direitos d'estes dois generos e outros mais sob pretexto da illuminação a gaz.

Quanto á perfeição da construcção do apparelho para a illuminação, ella não póde negar-se sem injuria feita aos nossos operarios, porque os mesmos contractadores estrangeiros sabendo, que Hargreaves & Comp. pertendiam concorrer no ajuste com a camara, se entenderam com elles, promettendo mandarem fazer parte do apparelho no seu estabelecimento do Bicalho n'esta cidade, o qual é igual aos outros, e onde apenas seis operarios são inglezes e os mais portuguezes: e intendedor nenhum haverá que ache mais difficil fundir canos e retortas de ferro de toda a bitola, do que fazer as differentes obras que se executam nas mencionadas fundições. Por este motivo, os supplicantes advogando o seu proprio interesse, advogam

tambem o interesse da nação, do thesoiro, e dos contribuintes.

P. a V. Magestade se digne indeferir a dita pretendida isenção de direitos, como tendente a tirar o emprego aos braços do paiz, habilitados a fazerem a obra, e até por um preço igual áquelle porque devem ficar aqui os artigos fabricados em Inglaterra, não concedida a isenção. B. R. M.

Porto 24 de janeiro de 1844. José Antonio de Mattos Guimarães e Comp. — Francisco Ignacio Pereira Rubião.

MEMORIA JUSTIFICATIVA DO REQUERIMENTO.

A occasião em que Clegg e Comp. pertendem requerer ao governo a isenção de direitos sobre osapparelhos e mais accessorios, de que precisam para o estabelecimento, no qual se ha-de extrair o gaz para a iluminação da cidade, não é a mais opportuna, por quanto não ha-de ser no momento em que na camara dos deputados se approvou o projecto do governo, pelo qual se augmentam os direitos no ferro, como materia prima, que se hão de isentar de direitos os artefactos d'essa mesma materia prima!

Não somos d'aquelles que se oppõem a toda e qualquer innovação, ainda mesmo de reconhecido melhoramento, antes tributamos á Camara Municipal d'esta cidade os nossos encomios pela deliberação que tomou para a iluminação de gaz, mas intendemos, que de modo algum se devem prejudicar os interesses de fazenda publica, cada vez mais mesquinhos, nem tão pouco o credito e trabalho de nossos artistas, e o proveito dos proprietarios dos estabelecimentos fabris.

Confiamos pois que o governo e as camaras desatenderão a pertença de Clegg e Comp. por ser contraria ás necessidades publicas, que o governo, á face da nação, tem confessado mais de uma vez, e por ser, em certo modo, injuriosa aos artistas nacionaes, os quaes, limitando-nos ao ramo particular de fundição de ferro, tem dado exuberantes provas da sua aptidão; além de que as peças, de que os apparelhos se hão de compôr, não são de um fazimento tão transcendente, que o mais simples fundidor não saiba fazer. (1)

Os nossos artistas teem direito para reclamarem do governo a conservação do seu credito, a segurança de sua subsistencia, e a estabilidade das officinas em que trabalham; muitas das quaes principiaram debaixo da protecção de um governo, que se disvelava em promover os interesses materiaes da nação, sem a mais pequena contemplação para com os estrangeiros, quan-

(1) A empresa não póde, em boa fé, allegar a ineptidão dos fundidores portuguezes; porquanto sabemos de boa parte, que para afastar Hargreaves e Comp. da concorrência perante a camara, entendeu-se com estes, promettendo-lhes mandar fazer nas suas officinas de fundição e serralharia, parte das peças de que precisasse. Se a empresa reconhece por este facto serem aptos os officiaes-empregados n'aquellas officinas deve saber que n'ella apenas se empregam seis operarios inglezes; tres fundidores, dous serralheiros e um carpinteiro, os mais, e não poucos são portuguezes.

(2) Sabemos de pessoa de toda a nossa confiança, que muitos dos accionistas da empresa Clegg e Comp. são proprietarios de fundições e de minas de carvão em Inglaterra, os quaes pertendem vender-nos os seus productos com reconhecido prejuizo dos interesses do thesoiro nacional.

do as suas pretensões iam de encontro áquelles interesses.

Pouhámos porém de parte esse direito de nossos artifices, que mais de um portuguez terá em menoscaço, e encare-se o assumpto do requerimento pelo lado mais transcendente, que é o da fazenda publica, a qual não se deve defraudar para se enriquecerem, por meio de patronato, ávidos especuladores, e mórmente especuladores estrangeiros. (2)

Limitaremos pois o nosso objecto a justificarmos o requerimento que precede, pelo que diz respeito ao prejuizo que terá a receita da fazenda publica, quando no governo ou nas camaras se defira a pertença de Clegg e Comp.

É principio deduzido de numerosas experiencias feitas em muitas das fundições d'Inglaterra e de França, que o ferro derretido em fornos de Wilkinson, perde 3 a 5 por cento; este desfalque porem, posto tenha sido assim calculado, todavia é muito maior, indo mesmo a quatro vezes mais, em razão de se perder muito ferro, por ficar agarrado nas marmitas, nos canaes de distribuição e nas paredes e lastro do forno, nos *gilos* e pelo que se derrama nas officinas de fundição; em consequencia destas perdas inevitaveis, muitos calculam o desfalque em 12 $\frac{1}{2}$ por cento, termo medio, que nós adoptamos, posto nossas observações particulares nos tenham mostrado, por mais de uma vez, ser maior.

O combustivel mais geralmente empregado nas fundições é o *coke*, producto da carbonisação do carvão de pedra, o qual em virtude dessa carbonisação produz, termo medio, 50 por cento de *coke* (3).

A proporção em pezo do ferro e do *coke*, que se lançam em um forno de Wilkinson, é de 25 de ferro contra 12 a 15 de *coke*, o que dá, termo medio, 54 por cento, segundo Lannay e Landrin (4), e segundo Pelouze 20 por cento: adoptaremos pois o termo medio destes numeros, isto é, 37 por cento.

Ignoramos qual será o systema que a empresa adoptará, mas seja qual fôr, ha de sempre empregar retortas, condensadores, depuradores e tubos mestres, tudo de ferro coado, gazometro ou gazometros de chapa de ferro, ramificações dos tubos (*branchements*) para a distribuição do gaz, de chumbo, cobre ou estanho. Estas são as partes principaes e indispensaveis para a producção e distribuição do gaz extrahido de carvão de pedra; além d'estas porém ha ainda outras, que devem entrar em linha de conta, como lampeões e columnas ou armações de suspensão.

Se tivéssemos presente o plano ou planta do estabelecimento para a iluminação, calcularíamos com a exactidão possivel o peso das suas diferentes partes, quer de ferro coado, quer de chapa de ferro, quer de ferro em barra, quer finalmente de cobre, estanho ou chumbo; para o fim porém que temos em vista podemos d'isso prescindir, porque pelo calculo de uma das partes se poderá avaliar o todo.

(3) Toutes les houilles ne sont pas propres a être également carbonisées; la quantité de produits differe au contrair tellement que les unes ne donnent plus de 48 pour cent de *coke*, les autres offrent jusqu'a 90. Jamais cependant dans les arts on n'atteint ce maximum, qui n'a encore été obtenu que dans les laboratoires et avec des precautions qu'il est impossible de prendre dans les grandes usines. Manuel du maitre de forges, T. I. pag. 222.

(4) Il n'y a rien d'aussi facile à bien exécuter que la fusion du fer dans les fourneaux à la Wilkinson, il suffit de

Não sabemos o diametro que se dará aos tubos mestres, o qual varia segundo a extensão da illuminação, sendo de 6, 10, 12 e mais polegadas; tomaremos pois o termo mais inferior, isto é 6, e daremos aos tubos a espessura de 4 linhas. Vejamos pois qual o peso d'esses tubos na extensão de 7 legoas inglezas (5).

Um tubo de ferro coado de 6 pollegadas de diametro, 4 linhas de espessura e no desenvolvimento de 7 legoas inglezas ou metros 33795,3 (6) pesa 20142 quintaes, 3 arrobas, 11 arrateis e meio.

O ferro coado em obra simples paga por direitos de importação, sem se contarem os emolumentos e mais impostos, quatro mil reis por quintal; logo os direitos sobre 20142 quintaes, 3 arrobas, 11 $\frac{1}{2}$ arrateis importam em Rs. 80:571\$360

Estará o nosso thesouro em circumstancias de perder tão avultada somma, e outras mais de que não fazemos menção? A nação já tem julgado que não: o governo e as camaras o decidirão.

Vejamos agora quaes serão os direitos que o thesouro perceberá, não se concedendo á empreza a isenção que pertende requerer pelas materias primas, que as fundições nacionaes hão de empregar para a construcção dos tubos mestres, unicos artefactos sobre que havemos baseado os nossos calculos.

Os tubos mestres no desenvolvimento de 7 legoas inglezas pêsam, como fica calculado, 20142 quintaes $\frac{3}{4}$, despresando os arrateis: o ferro preciso para se fundirem pesará, com os 12 $\frac{1}{2}$ por cento de perdas, 22660 quintaes. Coke preciso para se fundir esta porção de ferro, 8384 quintaes, ou 479 toneladas; logo: Direitos do ferro para fundição, pagando

do 240 rs. por quintal.	5:438\$400
Dictos do coke (7)	191\$600
	<hr/>
	Rs. 5:630\$000

Talvez se objectará, que não se concedendo á empreza a isenção dos direitos, não se verificará o projecto de se illuminar a gaz a cidade. Assim será, e até não o duvidamos; mas nem por isso a cidade deixará de ser illumorada, e sem que se haja de perder tantos contos de réis para se satisfazer a avidez de especuladores.

Le Portugal (temos ouvido dizer) *est un bon pays à exploiter.*

Não deixamos de confessar que advogamos os interesses das fundições, mas tambem advogamos aquelles do thesoiro e dos nossos operarios, e talvez d'esta nossa opposição não tiraremos outro resultado senão a malquerença dos empregarios e de seus patronos, mas tudo isso desprezamos, quando com satisfaçã-

faire un choix de bonne fonte grise cassée en morceaux. on divise ces fontes par charges de cinquante livres (24 à 25 Kil.) contre trente livres [14 a 15 Kil.] à peu près du coke. *Manuel du fondeur* T. 2. pag. 17.

(5) Consta-nos que Clegg calcula o desinvolvimento dos tubos mestres em 7 legoas, que julgamos serem inglezas.

(6) Uma legoa ingleza corresponde a metros 4327,9.

(7) Ainda que se importe o carvão de pedra, para se fabricar o coke, a importância dos direitos é a mesma: porque para se fabricarem 479 tonelladas de coke são precisas 958 de carvão, que a 200 rs. por tonellada importam em 191600.

nos recordamos de que advogamos os interesses da nação já tão sobrecarregada de impostos e tributos.

Porto 24 de janeiro de 1844.
José Antonio de Mattos Guimarães & Comp. — Francisco Ignacio Pereira de Rubião.

SOBRE A ANALYSE DO SABÃO MENOTTI.
(Carta.)

2700 No N.º 24 da *Revista Universal Lisbonense* artigo 2620 li uma carta sobre o sabão *hydrofugo* e o seu verdadeiro auctor, que poderia bem deixar-se em esquecimento, (tanto péca ella nas noções mais elementares da chimica) se pela data da sua publicação não parecesse que fóra de proposito publicada para contradizer uma analyse, que foi transcrita no N.º 22 d'este jornal, e cuja execução presenciei, porque foi feita no Laboratorio da Eschola Polytechnica aonde tenho entrada,

O auctor da carta diz — que tendo empregado alguns reagentes nas diversas soluções que fez do sabão *Menotti*, achou que elle constava de sabão, alumen de potassa, e de uma substancia organica gelatinosa, o que logo lhe sugeriu a idéa de que o dito composto não era invenção do Sr. *Menotti* — e referindo diferentes receitas de misturas liquidas, conhecidas ha vinte e tantos annos para o mesmo effeito, termina dizendo — que *Menotti* o que fez, foi sómente evaporar o liquido d'esta composição até á consistencia de sabão &c.

Não me pertence defender a propriedade da invenção de Sr. *Menotti*, nem isso val a pena; o que desejava saber é como o auctor da carta pôde achar o sabão juncto com o alumen, depois de haverem sido misturadas as suas soluções, quando qualquer, que tenha apenas percorrido os mais simples elementos da chimica, sabe que as dissoluções de alumen e sabão misturadas se decompõe mutuamente; e é por isso mesmo que as receitas, que o illustre *Pharmaceutico n'esta córte* transcreve, principalmente applicadas como prescreve na 2.^a e 4.^a, podem fazer os tecidos e o papel impermeaveis, porque os revestem com o sabão aluminoso insolúvel. — Em analyse não é permitido improvisar. — Sei pouco, desejo que o illustre auctor da carta nos diga como fez a sua analyse, a mim, que não tenho a honra de ser *Pharmaceutico n'esta córte*. Sou etc,

SEGUNDA ANALYSE DO SABÃO MENOTTI PELO SR. PIMENTEL.
(Carta.)

2701 Como V. na sua *Revista* publicou a carta em que eu dava parte ao Sr. Director da Eschola Polytechnica dos primeiros ensaios feitos sobre a amostra do sabão *Menotti*, que por V. lhe fora remetida, e n'aquella carta me comprometti a seguir as investigações acerca da mencionada composição, vou, em cumprimento da minha promessa, communicar-lhe o ultimo resultado da analyse.

Os resultados numericos que abaixo transcrevo, são os medios de dois ensaios feitos sobre duas porções diversas do sabão, porque elle não é perfeitamente homogeneo em toda a sua massa, o que provem das condições especiaes da sua fabricação, e das subsequentes alterações que soffreu no arranjo das suas particulas, principalmente pela cristallisação do alu-

men, e mais facil evaporação da agua na parte exterior.

O alumen e a cólla foram separados das outras substancias pela agua, e a cólla separada do alumen pelo acido tannico; a cêra pelo alcool e pelo ether, dos quaes o primeiro dissolve a *cerina*, e o segundo a *myrioina*; finalmente o silicato de magnesia foi o residuo insolúvel em todos estes dissolventes.

Submetti á analyse 5 grammas do sabão, secco á temperatura ordinaria (13°) e obtive

Alumen de potassa cristalizado . . .	2, gm011 . . .	40,22
Gelatina e agua	1 , 519 . . .	30,38
Cêra	0 , 935 . . .	18,70
Silicato de magnesia	0 , 535 . . .	10,70
	<hr/>	
	5 , 000	100,60

O alumen foi calcinado antes de pesado, e a sua agua de cristalização calculada; o silicato de magnesia foi tambem calcinado ao rubro, antes de pesado: a cêra foi determinada pela differença dos pesos dos residuos antes e depois do tractamento pelo alcool e ether: o peso da gelatina e da agua foi tambem determinado por differença, porque não era possível pesal-as directamente.

Devo accrescentar que é extremamente difficil o separar tanto a cólla do alumen, como a cêra do residuo insolúvel, pois que na calcinação um e outro me appareceram sempre denegridos; mas o carvão livre era em tão pequena quantidade que o não metti em calculo.

A propriedade que este composto tem de repelir a agua, é essencialmente devida á cêra. O alumen e a cólla servem aqui de mordentes; o talco em pó finissimo encorpora-se com a cêra, dá-lhe maior consistencia, e obsta, até certo ponto, a que ella, pela continuada acção da agua, se esbroe e se desprenda dos fios. Os fios revestidos com este hydrofugo, repelem a agua, e os pequenos canaes formados pelos intersticios dos fios não a deixam passar em virtude da sua capillaridade.

No N.º 25 do seu jornal li a carta da pessoa, que teve a bondade de se encarregar da verificação da efficacia do hydrofugo, que preparei, e desejava fazer-lhe observar, que as differenças de cheiro, sabor, cor e aggregação das particulas que notou, são pouco essenciaes, e provém: — 1.º de que o sabão Menotti parece ter sido fabricado com a cólla de Flandres ou com a cólla forte, o que lhe devia communicar aquelle cheiro pouco agradável, que tambem, em parte, deve á acção da humidade em presença do ar, e o meu foi feito com cólla de peixe, e por isso o branco é inodoro; o sabor diverso tambem provém da cólla, e da mais perfeita separação do alumen, no de Menotti, pela ulterior cristalização: — 2.º a aggregação mais ou menos perfeita das particulas é puramente accidental, e provém do modo de fabricação e da pressão, que a massa supportou nas fôrmas, a que o meu não foi sujeito, e ficou por isso granuloso, resultando d'ahi a differença de diluição n'agua. Espero em breve remetter-lhe uma amostra, em que essas differenças não serão notaveis.

Aproveito esta occasião etc.

S. C. Rua da Rosa, 106 — 12 de fevereiro 1844.

Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

AMOREIRAS BRANCAS E MULTICAULES.

2702 O ARTIGO, que segue, veio a este escriptorio sem nome, e enviado não sabemos por quem. Assentámos não obstante em publical-o, porque (repetil-o-hemos incessantemente) é systema nosso em qualquer assumpto importante admittir a livre discussão até que a verdade saia d'ella pura e brilhante como o oiro do crizol, não fazendo a esta regra senão duas excepções: — primeira, quando em nosso conceito a impugnação, que se pertende fazer a uma doutrina util, é desenganadamente erronea, e por consequencia nociva; — segunda, quando a redacção é indecente ou indecorosa para nossos collaboradores, para nós, ou para quem quer que seja.

A questão do merecimento comparativo das differentes especies de pasto para o bicho da sêda é tão capital, que, apesar de vir anónimo o artigo, apesar de descomedido contra o nosso respeitavel amigo o Sr. Tinelli, e apesar, sobretudo, de não apresentar provas ou documentos de habilitação, que possam contrapezar a demonstrada sciencia pratica do mesmo Sr. Tinelli, creador da cultura e industria seropédica nos Estados-Unidos, parece-nos bem dal-o á estampa. Se é falsa a sua doutrina, é este o modo de se fazer conhecer a sua falsidade, e vedar-lhe que lavre e contamine.

Com o mesmo artigo e com a mesma letra vinha outro, trazendo por assignatura *um incognito*: esse nem agora o imprimimos, nem jamais o imprimiremos, nem o imprimiriamos ainda que viesse um milhão de vezes firmado com o mais respeitavel nome de todo o mundo: — tanto o seu stylo é improprio e indecente, e vão o seu contheudo.

O annunciante na Revolução de Setembro de 24 de janeiro, sendo compellido, responde ao artigo da *Revista Universal* numero 2616, de 1 de fevereiro, que sendo como ella diz, o espirito do seu annuncio, o interesse de vender as suas arvores, sendo as melhores, pergunta-se-lhe se em quem vende as peores, não haverá tambem o mesmo interesse? o parallélo é exacto, e a rasão de interesse igual, e com que fundamento inculca, com tanto ardor aos insufficientes arbustos das multicaules tão superiores, e transcendentas vantagens? se é por idéas transmittidas, ou só porque lhe conste terem seu uso em alguns paizes, não o póde sustentar, porque pódem ser idéas falsas, e sómente por experiencia propria: ou n'aquelles casos em que se tem estabelecido um conhecimento verdadeiro e geral, é que se está habilitado para isso: o annunciante referindo-se ao seu annuncio, sustenta a inutilidade das multicaules, pelas rasões que declarou e outras ainda que podia apontar: não se nega que as multicaules estejam em moda, mas moda que ha de calir como aconteceu ás anãs, e ás mais especies secundarias experimentadas; os intendedores praticos e não superficiaes, certamente hão-de conhecer todas as suas desvantagens: o annunciante não estabelece o seu interesse na venda d'arvores, pois poderia ter vendido milhares na época da maior influencia, e só o anno passado se resolveu a abrir-lhes venda, o seu interesse é fundado no producto da sêda, projecto em que trabalha ha 9 annos; investigando activamente as insuperaveis difficuldades que tornam em desequilibrio o interesse, com as despe-

sas, afim de reduzir as creações a um systema facil e rapido em todas as suas operações, como base elemental, apurou tambem quaes seriam as arvores de maior vantagem em todos os sentidos, conseguiu as que possue com que está satisfeito; experimentou tambem praticamente em sua casa as multicaules, e as achou perfeitamente inuteis, tanto assim que apenas conserva o pequeno numero da sua experiencia, estando decidido a inutilisal-as, e proscovel-as; se tivessem as vantagens que se lhes attribuem, certamente as teria adoptado e multiplicado os seus viveiros, até contar hoje milhares d'ellas: o annunciante forte de sua convicção, chama ao campo da experiencia, aos que sustentarem a negativa para praticamente terem o desengano: o annunciante não acredita em theorias insufficientes e superficiaes, que nada adiantam na grande sciencia seropédica, em que o homem uada tem penetrado, e aonde a natureza se apresenta com toda a sua força, e até incoherente, zombando dos maiores naturalistas; bem ao facto das grandes difficuldades do objecto em questão, que vê tractar com tanta facilidade por quem escreve, tem feito os maiores esforços de investigação, conseguindo a esperanza de destruir a mais consideravel das difficuldades, a excessiva mortandade, persuadido das causas efficientes d'este estrago de todos os annos, precisando empregar um processo muito difficil, mas que se pela experiencia conseguir o resultado, poderá augmentar um valor no paiz, levando a grande ponto as creações; existem outras difficuldades em que não tem podido combinar idéas a formar um juizo, taes são o desenvolvimento da semente, que jámais deixa de se prolongar de 20 a 30 dias, e a desigualdade do insecto, ainda que se classifique no momento do seu nascimento, obstaculos que transtornam muito o projecto; todas estas difficuldades, e ainda outras se tractam superficialmente, ou se negam na insufficiente theorica d'esse ultimo tractado que surgiu do Porto no fim do anno passado, pedra preciosa como se lhe chama em um artigo transcripto na mesma *Revista*, que com todo o seu brilhantismo luminoso, nos deixou nas trevas como estavamos; pois que a sua materia não é senão a leitura e repetição de quantos auctores teem escripto, e por isso mais que sabida e que nada ellucida a questão, apesar dos grandes elogios que a *Revista* tem rendido a seu auctor, e das suas grandes esperanças, attribuindo-lhe uma sciencia superior e real, mas a que não satisfaz, pois ou nega ou tracta superficialmente as grandes difficuldades, dizendo na sua arte, que em a semente começando a desinvolver-se, tendo precedido os meios artificiaes que indica, em 48 horas estará o bicho todo nascido: como ao annunciante acontece sempre o contrario, empregando os mesmos meios, e mais variados, sabendo que o mesmo successo tem todas as pessoas suas conhecidas que teem feito creações, como muito interessado desejaría ter uma explicação instructiva sobre esta operação; muito mais poderia dizer, mas para não ser demasiado extenso, concluo, que se algum dia poder apresentar a seda em grande quantidade, ficará dada a prova dos seus principios, fóra dos quaes, nem uma pessoa poderá fazer grandes colheitas de seda, salvo querendo gastar tudo quanto tiver.

Um seu venerador.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O SANCTO MILAGRE.

DIA INCERTO DE FEVEREIRO DE 1247.

2703 « Não approvo nem reprovo milagres, em quanto os não approva ou reprova a egreja. » — Isto que tão discretamente disse um dos nossos bons prégadores do tempo da restauração de 1640, ácerca de um successo bem sabido, que então se deu por milagroso, repeti-lo-hemos nós agora aqui antes de narrar a mui popular e antiga lenda do *Sancto Milagre* de Santarem.

N'esta villa, rua das Esteiras, freguezia de Santo Estevam, viviam por meiado seculo XIII, uns mal casados em continuas desavenças e reboliços. Eram causa d'esta guerra domestica (que são as guerras civis em ponto pequeno) os ciumes da mulher, que já não dava quartel a nenhuma das razões em que o astuto do marido se desfazia.

Reza a tradicção pela bocca das velhas da dicta villa, que só elle era o culpado de semelhante rigidade, porque a pobre mulher estava sendo victima de certa boneja mui ladina e golosa que lhe trazia o marido pelo beiço, e vergónhosamente desencaminhado; e que apesar das amnistias que a boa da mulher tinha por vezes concedido a seu rebelde consorte, para viverem em paz, elle costumava quebrar quantas juras e promessas lhe fazia, tornando á mesma, com grande escandalo do mundo, e ainda maior offensa de Deus.

A mortificada santarena, que assim perdêra a fé a taes propositos de emenda, começou de queixar-se ás vizinhas e amigas do mau viver de seu homem.

(Esta especie de publicidade é a *imprensa livre* das familias, a cujos chefes saem baldadas todas as supressões e suspensões que ordenem. É uma garantia *insuspendivel*, e por ventura necessaria. . . .)

Certa vizinha que tambem padecêra eguaes tribulações, inculcou-lhe uma, judia velha, *mulher de virtude*, a qual tinha na sua pocilga toda a casta de amavias e philtros para tirar os homens casados das suas más inclinações.

Dicto e feito. A desventurada vai logo em conta da feiticeira, e gemendo e chorando lhe conta uma por uma todas suas magoas. A velha, depois de muita reviravolta, momices e excojurações, declara que não acerta com mésinha propria para tão emperrado achaque.

A pobre moça (que o era de boa cara e bem

estreada, se não mentem os paineis que vimos do milagre na igreja de Sancto Estevam) desata outra vez a choramigar, tão lastimosamente, que teve força de commover aquelle cortiço de embustes, que andava cá neste mundo acabando de resequir para melhor arder no inferno. Ha ahí muitas do officio que andam na mesma grangearia. . . . Em summa, a judia, ou fosse por dó, ou por manter o credito da sua *botica de mal casados*, disse á santarena que lhe trouxesse uma hostia consagrada, o que podia muito bem fazer indo communhar sem consumir a particula, que tiraria logo da bocca, guardando-a n'uma toalha para lh'a trazer. Lá pareceu aquillo á moça christã grande peccado, mas em fim, em peccado mortal andava sempre a coitada praguejando o marido a sua rival, e a negregada da sua vida! Um abysmo chama outro abysmo, como bem diz o prologo. Foi pois á sua freguezia, confessou-se, poz-se á mesa da Eucharistia, e em vez de consumir, guardou a sagrada Fórmula n'um panno, que, para o intento, levára. Ia já abalando mui sacudida de contente para casa da judia, quando lhe advertiram que deixava apoz si um rasto de sangue. Vae a dar fé e vê que era vertido da hostia que trazia. Ataranta-se com esta rara maravilha, torna atraz, corre para casa, e esconde tudo n'uma arca, sem saber que fizesse.

Veio a noite, mas não entrou n'aquella caza; porque da arca saia um luzeiro tão resplandecente que parecia mesmo um céu aberto.

Chega o marido, conta-lhe a attonita mulher todo o succedido, vem-lhe logo a elle os remorsos e o arrependimento. . . . (sempre a final o remedio surtiu effeito), acode a visinhança, e depois o prior, que em solemne procissão levou o sagrado roubo para a sua igreja.

Não consta que se procedesse civil ou ecclesiasticamente contra a christã nem contra a judia; só sim que houve uma grande demanda entre os frades de S. Domingos e os clerigos de Sancto Estevam, os da Alcaçova e outros, sobre a que igreja devia pertencer o *Sancto Milagre*. A final os frades venceram a toalha, e o prior de Sancto Estevam a hostia.

Durante o litigio foi que succedeu o segundo milagre, chamado da *ambula*, que assim se conta: — Tinha-se envolvido a particula em uma capa de cera, até vêr como se havia de expôr; senão quando, apparece mettida em uma ambula ou redoma por modo sobrenatural, pois se lhe não rastreava ponto por onde podesse ser introduzida a particula; pelo que houve um arcebispo,

que parecendo-lhe aquillo industria humana, tomou uma lima, e quiz cortar o vidro afim de vêr o que tinha dentro. Embalde, por quanto apenas havia feito uma pequena móssa, acodi ali sangue vivo, o prelado ficou leso do braço, e em breve morreu miseravelmente.

Divulgadas taes maravilhas, começaram logo as romarias de todo o reino, muitas promessas e devoções, que tornaram esta milagrosa reliquia a mais famosa de quantas ha em Portugal. Marcaram-se certos dias do anno para se expor á adoração publica, e com difficuldade se deixava examinar ainda ás pessoas de auctoridade.

O mais notavel é, que um escriptor nosso de boa nota (Pedro de Mariz), que mais de vagar escreveu do Sancto Milagre, traz um rol de muitos individuos que o observáram escrupulosamente, e a cada qual pareceu vêr sua figura através da ambula. Por nossa parte diremos, que posto nos prezemos de bom crente, e de ter clara vista, declarâmos que o vidro é tão reforçado, e o sangue tão crasso, que mal podêmos vêr o que está dentro, por mais que o tentássemos.

Quando os revolucionarios francezes invadiram á falsa fé o nosso Portugal, muita gente de Santarem se refugiou a Lisboa, trazendo o Sancto Milagre, que esteve na capella do Patriarcha, no palacio da Mitra, em Marvilla. Idos os francezes, ou porque se desconfiou de que a gente de Lisboa não deixasse voltar o Sancto Milagre para Santarem, ou porque (segundo é mais certo) não havia dinheiro para o reconduzir com a devida solemnidade e acompanhamento, annunciouse que um estrangeiro em tal dia (de maio de 1809) havia de atravessar o Tejo pelo seu pé, com umas botas de cortiça, e isto de Belem para a Trafaria! Correu lá toda Lisboa, e nesse comenos foi o Sancto Milagre levado a occultas pelo rio acima á sua antiga igreja de Sancto Estevam, onde se venera muito, ainda hoje em dia.

A. da Silva Tullio.

ALLOCUÇÃO DO LENTE FRANCISCO DE CASTRO FREIRE, NA OCCASIÃO DE SE DISTRIBUIREM OS PREMIOS DA FACULDADE DE MATHEMATICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NO FIM DO PRETERITO ANNO LECTIVO

2704 SENHORES: Existe um codigo litterario, que nós, n'esta rapida passagem de tantos acontecimentos não calculados, de tantas mudanças imprevistas, de tantas leis ephemerias, não podêmos deixar de ter por

antigo, e que comtudo estudado e respeitado ainda hoje pelos sabios das nações mais cultas, deve considerar-se como o mais brilhante e ultimo brazão das nossas glorias litterarias. Mas esse brazão, venerado de estrangeiros, acatado dos nossos verdadeiros sabios, e que, ainda não ha um seculo, era como um desafio ás outras nações a favor da nossa illustração, atrahiu tambem, como tudo quanto era grande entre nós, o odio dos falsos progressistas, dos adoradores das ruínas, que vendo inscripta no seu frontespicio a data de 1772, bradaram só por isso, e bradam ainda, abaixo o edificio velho e gothico do seculo passado.

Já sabeis, Senhores, que eu fallo dos Estatutos, pelos quaes se rege esta nossa Universidade, e sabeis tambem, que esses que assim alcunham este codigo de gothico e retrogrado, nunca lhe abriram uma pagina, nunca lhe soletraram uma lettra, por quanto ainda que o não lessem e sómente o soletrassem, achariam que n'elle, sobre todas as outras, transparece sempre a idéa do verdadeiro progresso, do unico progresso sensato, que consiste no aperfeiçoamento continuo, seguro, successivo e sem abalos. Achariam que n'elle se recomenda que todo e qualquer descobrimento ou novidade scientifica, seja logo inserida no texto das lições, e que para estas se prohibe o adoptar-se como fixo qualquer auctor nacional ou estrangeiro, determinando-se mui expressamente que se escolha sempre o que fór apparecendo melhor. Achariam finalmente que por elle se manda crear, como em commissão permanente, a congregação das sciencias naturaes, encarregada de velar e trabalhar continuamente no successivo aperfeiçoamento d'estas sciencias.

Estas festas, estas pompas, no meio das quaes, e em dia tão solemne, nós todos concorremos a assistir á distribuição dos partidos, premios, e honras academicas, começadas, é verdade, a celebrar ha poucos annos, e já debaixo do feliz reinado de Sua Magestade, não são todavia, mais do que a execução de uma das disposições dos nossos Estatutos que, como outras muitas, ou por indolencia, ou por um espirito de reacção, nunca se haviam posto em uso. Os sabios a quem foi confiada a confecção d'estes estatutos, comprehenderam bem que o enthusiasmo é o movel das grandes coisas, e que para crear sabios consummados, e optimos cidadãos era necessario fazer vibrar no coração dos mancebos as emoções da verdadeira gloria, e inspirar-lhes desde os primeiros annos o unico orgulho nobre, e de se distinguirem no cumprimento das suas obrigações e no amor das sciencias.

Alumnos da faculdade de mathematica: não buscarei argumentos, nem julgo necessario empregar palavras graves para vos exhortar ao cumprimento dos vossos deveres, á vista d'este spectaculo tão solemne; elle só de per si falla bem forte a corações novos e bem formados. Vós que ganhastes os louros n'esta arêna gloriosa, não os deixeis murchar, fazei por não desmerecel-os, trabalhae por lhes ajuntar outros novos. Lembrae-vos que vossos nomes repetidos aqui com applauso, farão eccho fóra d'este recinto, e irão tambem encher de orgulho o coração de mais de um pae, e fazer borbullhar pelas faces de muitas mães lagrimas de prazer e de ternura. Vós todos que entrastes na liça, sem comtudo ganhades as coroas do combate, considerae que sendo ellas tão limitadas, para terem maior preço, só podem ser alcançadas por pou-

cos; porem se anciaes por obtel-as, perseverae no ardor de distinguir-vos; que á força da perseverança virá tambem o vosso dia de triumpho.

Alumnos da faculdade de mathematica: sirva-vos de encentivo a importancia do estudo d'esta bella sciencia, a qual graças á sua linguagem exacta, e ao rigor com que procede nos seus methodos, caminha por uma estrada toda luminosa, desde os primeiros axiomas ás theorias mais abstractas, d'onde como diz o grande Laplace, derrama sobre a natureza e sobre as artes, numerosas applicações, das quaes deriyam fontes inesgotaveis de bens e commodos para aquelles mesmos que as ignoram: considerae que a parte material da actual civilisação é devida quasi toda ao progresso espantoso das sciencias physico-mathematicas; e que por ellas não deixará de realizar-se esse programma, ainda ha poucos annos reputado um sonho philosophico — a humanidade formando uma só familia, com um só codigo, o Evangelho.

Correspodei aos elogios que do alto do throno Sua Magestade foi servida dirigir-vos pelo vosso regular comportamento e séria applicação no preterito anno lectivo: correspodei á solicitude verdadeiramente paternal do sabio venerando, o illustre chefe que nos preside; ao zêto incançavel de vossos mestres pelo vosso adiantamento. Respeitae a nossa sancta religião unica base segura da moral; respeitae vosses superiores; respeitae-vos a vós mesmos; conhecei a dignidade da vocação humana, á qual novas instituições promettem um destino mais elevado, um campo mais extenso, dando emprego a todas as capacidades e premiando todas as virtudes.

Coimbra 8 de dezembro de 1843.

F. C. F.

O GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

MEMORIA DO SEculo PASSADO.

I.

Don Alôs. — Què hasen?.....

Juana. — assentadas

à las labores están,

que.....

à estas horas las divierten.

Calderon de la Barca — qual. es. major perfeccion — *Jorn. II.*

A SALA DO SERÃO.

2705 — Valha-nos Deus, Helena! isto é tão tarde; e Rodrigues sem chegar!.....

— É verdade: é tão tarde!..... que horas serão? nove?.....

— Nove!? onde vão ellas! upa, upa! vai lá muito para perto das dez: — resmungou bocejando, e esfregando os avermelhados olhos, uma nédia e roliça criada, que despertára n'aquelle momento, porque, embriagada pelo suave oscillar do somno, fóra d'encontro com a luzidia testa aos alfinetes de sua almofada de renda, desmantelando-se-lhe n'aquelle secco embate a empastada e apolvilhada pópa, que por sobre a cabeça lhe campeava.

— Já perto das dez!..... oh! minha mãe, que não lhe acontecesse por ahí alguma desgraça!

— Cruzes, filha! não digas tal. Uma desgraça!..... ai! o senhor dos afflictos m'ó defenda, e mais o padre Sancto Antonio, padroeiro da nossa capella: apega-te com elle, anda, Helena: responsa-o, em quanto eu vou ver se mando saber alguma nova.

E ergueu-se, fechou o *Retiro Espiritual*, cuja leitura muito a confortava, e saiu com tal despêjo, que até lhe esqueceram em cima da meza os seus óculos de prata, e o seu *regalo* de péllles de martha.

— Quasi dez horas! Jesus! e logo hoje... proseguiu D. Helena com uma voz algum tanto embaraçada; e afastando o bastidor, em que estava bordando a fitilhos de seda, desleixou distraidamente a mão pela meza, pouzou-a em cima do livro, abriu-o, e começou a dobrar-lhe e a esfarrapar-lhe as folhas: — um responso... vou rezar-lo:... «Se buscas milagres, morte, culpa, erros... e...» — e foi-se abismando pouco a pouco u'um pensamento profundo, sem dar pelo que fazia, nem pelo que rezava. Despertou depois estremecida, volveu os olhos para a criada, e vendo que dormia, porque resonava — era um dueto de fagote e clarinete — foi-se pé ante pé, muito mansinho até á janella, descerrou-a, espreitou e voltou a assentar-se, mas com o rosto tão pálido, e com o seio tão arfado, como se aquellas aragens da noite lhe houvessem bafejado algum ruim e desastroso agoiro.

E quem sabe lá o que seria? o coração de uma donzella encerra, ás vezes, misterios, que... que nem todos pôdem, ou sabem decifrar.

O de D. Helena tambem os encerrava, — e bem reconditos que elles eram — mas esses... parece-me que lh'os avalio eu; — oh! se avalio! — e tanto, que sou capaz de jurar que no âmago d'aquelle casto e tão nevado peito ardia suffocado...

A seu tempo se conhecerá se fallei, ou não com acerto.

A Sra. D. Helena da Cunha e Castro era a donzella mais extremada em virtudes e belleza, mais dotada de prendas, e donaires, que havia na provincia de entre Doiro e Minho, — ou para melhor dizer — nos reinos todos de Portugal e Algarves.

Linda, como o lirio mais mimoso do prado, moça, que ainda apenas contava desoito primaveras, e de um coração!... oh! isso! que coração ella tinha!

Era um anjo, era um anjo baixado lá do céu.

Sua illustre mãe, D. Anna de Amorim Bacellar Falcão Peçanha, era dona de prudencia e bons costumes; mui chã e dada a todos, e caridosa, como as que o são. Era alta, bem posta, e orçava pelos seus cincoenta e quatro annos.

Depois da morte de seu marido, Bartholomeu da Cunha e Castro, fidalgo de prol, e honrado, como lhe cumpria, — que Deus, havia pouco, lhe arrebatára dos braços, viera prantear n'aquella sua quinta, *solar da Lobaría*, a sua viuvez, tão nua e desamparada; deixára os folguédos da cidade de Evora, onde tanto primára e realçára, para vir acabar esse resto de existencia, que tão erma de gózos lhe corria, na assocegada paz d'aquella casa, nas variadas margens do Minho, e ao lado de D. Helena, sua filha unica, e sua consolação, esperanza e delicias.

Era uma sancta e virtuosa dona aquella viuva, mas tinha duas baldas — e quem é n'este mundo que as não tem! — eram duas baldas, que muita québra e desar lhe davam, na verdade.

A primeira — e a peor, de certo, — era que se deixára por tal arte dominar por um *escudeiro* ou *feitor* — que para ambos os misteres lhe servia — que não podia a boa da senhora alevantar na sua propria quinta voz activa nem passiva.

Muito bem conhecia ella tudo isso; mas queria-lhe tanto, e de tal modo!... era uma amizade, um certo respeito... — porque o Sr. Lourenço Rodrigues, — e já o leitor ha-de ter adivinhado que é elle, — foi sempre companheiro de guerras e trabalhos de Bartholomeu da Cunha, — que Deus tenha na sua sancta gloria, — e avezou-se por isso a olhar para a familia como sua, a administrar o haver e fazenda como suas, e a dizer, e a mandar, e a governar...

N'aquelles tempos havia muito d'isso, — e ainda hoje os ha.

Ainda ha muitos d'esses prósidos *escudeiros*... mas Rodrigues... — oh! esse lá! — sobrelevava ao mais experto; e tanto, que de um simples *creadinho*, que era, foi crescendo e medrando em cabedaes por tal fórma, que se apresentava pela paschoa, e pelo *orago* da freguezia, que nem um morgado de linhage e grande polpa! boa cazaca de *bombazina* com botões de aço polido, bom colete matizado, cabelleira de laço preto e castanhóla, faca de matto, fivelas de topazios, e bons *quartinhos* de ouro — n'uma sacca de *anta* — n'algibeira, a que davam repetidas sangrias uns cinco ou seis tafues, que costumavam de ajuntar-se, ás noites, em caza do reverendo padre *Torres*, grande caçador de perdizes e coelhos, e *bem procedido*, como o clerigo de Gil Viceute, para alli disputarem á *esquineta* os cruzados e yintens que haviam — sabe Deus, muitas vezes, com que bullas.

Estes serões duravam até tarde, e D. Anna bem sabia tudo; mas calava-se, e coitada!

A outra mania que ella tinha, era a nobreza de seus antepassados, que em se fallando em pergaminhos... adeus! lá se ía tudo com a bréca por esses ares!

Verdade seja que na sua sala *d'espera* havia meia duzia de paineis, — oh! que paineis para se verem! — nada menos de dois desembargadores, um bispo, e tres cavalleiros de armadura de ponto em branco, com cada espada, e cada capacete, e cada — não se que mais, porque o pó e asteias de aranha tinham formado por diante d'elles um cortinado espesso e meio petrificado.

Et tambem alli havia uns *archibancos* com o brazão d'armas, que eram seis arroélas, e nove...

Eu d'estas coisas intendo pouco, ou quasi nada. Hei de estudar a nobiliarchia de Antonio de Villas-Boas e Sampaio... ou não, não: hei-de antes perguntal-o a certa pessoa, que eu conheço, que é mui lida e *treslida* em cartapacios d'este genero; e depois... que venham para cá, que lhes darei licções de *cadeira*, como um lente *machucho* de Salamanca.

Mas, sancto Deus! aonde eu vou dar comigo! e o tempo a escacear-me, e o bom de Garcia de Rezende já a clamar, n'aquelle seu *tranquillo* e bemaventurado seculo, que

«... quem deixa perder tempo

Nunca o mais póde cobrar»

e ainda por declarar o segredo da formosa D. Helena!

Oh! que se alguem a visse, como eu a imagino, juncto d'aquella meza, tão anciosa, tão scismadora, tão dominada pelo seu pensamento, havia de adivinhar, mas que lh'o não dissessem, — que aquelle coração virgem, e ainda não desabrochado quando viera do Alem-Tejo, estava encadeado, varado e rendido, — n'aquellas solitarias margens do Minho — aos olhos ne-

gros e scintillantes de um mancebo de vinte e quatro annos, bem talhado — como uma estátua de Miguel Angelo — e vigoroso de vida e de verdura, — como o mais elevado cédro do Libano; de um mancebo, que a captivara de cinco vezes que das grades de seu jardim a avistara, que ousara offerter-lhe um amor, — tão duradouro como puro — n'umas cartas, que lhe escrevera, em que lhe dizia tantas cousas . . . tantas, e tão seductoras . . . em que lhe pedia lhe fallasse uma noite, ao que ella não quizera, não soubera, não podera resistir, porque . . .

— O amor é um fadario, que está escripto no estrellado livro do céu!

Mas quem era esse mancebo? Seria nobre? . . .

Quem sabe!

— Helena, e a fidalguia de tua mãe? . . . assim te afoitarás a calcal-a aos pés?! assim farás corar as desbotadas faces dos retratos de teus avós . . . , e mancharás com tão feia nodoa o braço de tuas armas tão antigas?! . . . que dirá, que se carpirá tua mãe, se chegar a saber tal?! — tua mãe!! — oh! que fazes?

A triste de D. Helena da Cunha tinha de cumprir a sua sina.

Era n'essa mesma noite, que Fernando, o seu amante, havia de subir, á meia noite, por aquella janella, que ella entreabrira, e para onde, por instincto, — ou não sei porque fatalidade, — descambava a miude seus olhos, ora languidos e abatidos, ora animados de espanto e receio, ora arrazados de uma lagrima, que involuntariamente lhe deslisava pelas escaldadas faces, como o aljofarado orvalho da aurora pelo seio perfumado da bonina.

Sua mãe tardava, e aiuda mais tardava Rodrigues. Ainda tinham de ceiar, de rezar, e de acomodar-se; e depois . . . á meia noite . . . — esta idéa fêl-a estremecer; parecia-lhe que já sentia os remorsos a sacudirem-na pelas tranças com suas mãos frias e descarnadas: quasi que teve medo; quiz chamar pela criada:

— Margarida? —

— Am? . . . que é lá? . . . que é? . . . — disse a dorminhoca inalteravel, e caíndo, de repente, em si, alevantou-se estremunhada, e emendou:

— Ai, é vossa senhoria, minha senhora?

— Accorda, olha, accorda.

— E Rodrigues? . . . já veio?

— Ainda não.

— Hou, elle! . . . crêdo!

— Mas om quanto não vem, não durmas.

— Eu? . . . eu não, menina: e abriu uma bôcca muito grande, muito grande, para espantar a preguiça. — Quer vossa senhoria que eu lhe cante aquella vida de Sancta Helena — da sanctinha do seu nome, — que é linda, muito linda vida? — quer?

— Pois canta, canta — respondeu D. Helena, como quem tem outra idéa na mente.

Margarida foi pôr a sua almofada sobre uma poltrona de coiro mui lavrado, que alli estava; assentou-se encrusada no estrado, e alisou com as mãos ambas o topête, escarrou septe vezes para afinar aquella voz de sovella, destemperada pelo somno e pelo tabaco, e deu largas a um melodiosissimo romance, cuja musica e toada déra com a agua pelas barbas ao Auber do *Fra-Diavolo*, e fizera arripiar Beethoven no seu laureado jazigo.

A lettra dizia assim:

Stando Sancta Helena

A' porta assentada,

Cosendo mui leda

Na sua almofada,

Sua agulha d'ouro,

Seu dedal de prata,

Veio um cavalleiro

Pediulhe pousada.

— Se meu pai lh'a der,

Stá muito bem dada. —

Entrou para dentro

Logo se assentou;

Fizeram-lhe a ceia,

Elle não ceou;

Fizeram-lhe a cama,

Então se deitou.

Lá por meia noute

Se alevantou,

De trez irmãs, que éram,

Só nella pegou.

Levou-a p'r'o monte

E lhe perguntou

Como lhe chamavam

E como a tractavam:

— Em caz de meu pai:

Helena fidalga,

Agora na tua

Serei desgraçada. —

Puchou pelo alfange

E logo a matou,

Coberta de ramos.

Alí a deixou.

Findos septe annos

Por alí tornou:

— Pastorinhos novos,

Que guardais o gado,

Que ermida é aquella,

Que está n'aquelle adro? —

— É de Sancta Helena;

;Morreu degollada!

E parou aqui a *chronista* da bemaventurada Martyr, para rezar uma explicação a este ponto obscuro e intricado da *lenda*: — e vae então aquelle desalmado Herodes do cavalleiro ficou arrependido de ter feito semelhante maldade, e atirou consigo ao chão, dizendo com grande pranto e alarido:

Minha Sancta Helena,

Meu amor primeiro,

Perdôa-me a morte,

Serei teu romeiro. —

— Como te hei . . .

— Que ponham já a ceia na mesa. — bradou da parte de fóra uma voz aspera, rija e imperiosa, e ao mesmo passo sentiu-se um rumorejar confuso na sala vizinha.

A nossa cantatriz orgulhosa, que principiava a pavonear-se da torrente de suas harmonias, e que já talvez se julgava digna de gargantear, como *prima dona* na *opera* que para el-rei D. José 1.º mandara vir o marquez de Pombal da terra do santo padre; ou, pelo menos, para cantar um minuête *alambicado* no theatro do bairro alto, vendo-se tão prosaicamente interrompida, ficou. . . — imagine o leitor como ella ficaria!

D. Anna entrou então para buscar o seu *regalo*; vinha-lhe a serenidade debuxada no gesto, porque os seus temores haviam desaparecido, como a columna de fumo açoutada pelo vento.

Chegou-se á sua querida filha para lhe agradecer o bemdito *responso* que tão prestes havia operado, e aparelhava-se já para fazer a apologia da poderosa influencia do milagroso *fradinho* de Padua, quando um criado, que assomou á porta, annunciou em tom carregado e rudo, que estava a ceia na mesa.

Era Rodrigues.

(Continuar-se-ha.)

A. Pereira da Cunha.

NOTÍCIAS.

ESTRANGEIRAS.

2705 Em Inglaterra no dia 2 fez-se a abertura solemne do parlamento, e S. M. a rainha Victoria proferiu o discurso do *stylo*.

Na camara dos *commons* lord *Clive* apresentou o projecto de resposta. Mr. *Sharnax Crawford*, descrevendo a miseria das classes operarias, propoz uma emenda para que se procedesse a inquerito n'este particular antes de votar os subsidios; e M. *Hume* tambem propoz uma emenda no sentido de diminuir as despezas, e sobre a associação contra a lei dos cereaes.

De Dublin ha noticias até 4 de fevereiro. O processo de O'Connell, que dura ha tres semanas, ainda não se sabe quando acabará. Ainda não foram ouvidas muitas testemunhas por parte dos *repealers*, que se acham n'aquella cidade, procedentes de todos os condados da Irlanda. Daniel O'Connell tinha a palavra para fazer a sua exposição ao jury, e aguardava-se um extenso discurso.

Em França o marechal Soult propoz ás camaras uma pensão de 3,000 francos para a viuva do marechal Drouet, conde d'Erlon, o qual morreu tão pobre, que apenas deixou dinheiro para o seu enterro.

Mr. de Villemain apresentou á camara dos pares o seu projecto sobre o ensino secundario, que tem merecido a approvação das proprias folhas da opposição.

Acaba de fallecer o general *Bertrand*, o amigo e companheiro de Napoleão; e é singular que morresse quasi um mez depois de fallecer *sir Hudson Lowe*, o famoso governador de Sancia Helena, que deixou uma memoria para se justificar ante a posteridade, mostrando que não fez senão seguir á risca as instrucções de lord *Castlereagh*. Mr. de Bricqueville propoz á camara dos deputados, que as cinzas do general *Bertrand* fossem collocadas juncto ás de Napoleão. A camara parece disposta a annuir.

A litteratura e lingua franceza acabam de levar um profundo golpe com a morte de CHARLES NODIER, escriptor de vastissima erudicção, ingenho excellente, gosto puro, singeleza e graça não vulgares. Até o seu acabamento encerrou proveitosas lições: expirou como tinha vivido, dando claras e sinceras demonstrações de christão e catholico; não quiz medicos porque não cria n'elles, tendo, que tudo o que a natureza não fizesse, não o fariam homens: quiz porém, e recebeu com alegria, todos os remedios espirituaes: — perguntou se estava ao pé de seu leito sua familia toda, sua esposa, sua filha e seus quatro netos pequeninos; — ouvindo que sim, — perguntou quantos eram do mez — « 27 de janeiro: » — « Bem não vos haveis de esquecer nunca d'esta data. » — E terminou, dando-lhes, com semblante risinho, conselhos e consolações. As suas ultimas palavras á filha, Madame Ménessier, foram recomendar-lhe [é escriptora distincta formada por elle mesmo] — « que para fortalecer, como lhe cumpria, o *stylo*, lesse sempre Tacito e Fénelon. »

As suas exequias e enterramento assistiram os principaes litteratos e artistas de Paris; e os seus amigos, que eram innumeraveis. O rei e a real familia mandaram quotidianamente,

durante a sua doença, tomar noticias d'elle, e fazer-lhe offercimentos.

Cartas de Forli, insertas na *Gazeta de Augsburgo*, participam que houve um tumulto dos habitantes de Castel Bolognese contra as tropas pontificias. Houve muitos mortos e feridos na refrega. Em *Ravenna* o director da policia recebeu um tiro, quando ia a entrar em casa. Em *Ancona* reinava grande agitação, depois das prisões que alli se fizeram. Os individuos capturados foram conduzidos a Bolonha, onde serão julgados pela commissão militar.

Em Hispanha pelo ministerio da guerra determinou-se, em consequencia da revolta de Alicante e Carthagena, que sejam declaradas em estado de sitio todas as provincias do reino; que sejam processados os réos segundo a lei de 17 de abril de 1821; e que a auctoridade militar seja a superior em cada provincia. Tambem se manda crear conselhos de guerra permanentes para julgar summariamente todos os que attentarem contra a ordem; não se poderão publicar periodicos sem licença dos chefes politicos: ninguem poderá conservar armas em seu poder: todos os que tractarem realisar motins e forem capturados, os que não entregarem as armas, e os que imprimirem papeis sem licença, ou que tentarem de seduzir a tropa serão julgados em conselho de guerra.

Em consequencia d'estas disposições annuncia o *Eco de Comercio* que cessa a sua publicação, e apresenta um protesto contra os decretos do governo, assignado por Galvez Canero e Fernando Corradi.

Em Madrid continuavam as prisões, sendo ultimamente capturado D. Innocencio Riesco Lagrand, director do jornal *Tarantula*.

O Sr. Ramirez de Avellano, encarregado da nunciatura apostolica, degollou-se em sua casa, segundo o *Corresponsal*, ignorando-se a causa d'este acto de desesperação.

Á *ultima hora* recebeu o governo uma participação official do chefe das tropas que haviam sahido de Murcia, D. F. Pardo, communicando-lhe ter batido e derrotado o caudilho Bonet, que á frente de mil homens e de alguma artilheria fôra atacado em Elda.

Os levantados deixaram em poder dos vencedores 300 prisioneiros, incluindo alguns officiaes. Esta participação devia publicar-se na *Gazeta* de 9, e era summamente importante pela grande influencia que deve produzir tanto nos pontos sublevados como no restante das provincias.

PORTUGAL.

2706 AINDA infelizmente nos não é dado noticiar hoje a terminação do estado violento em que se acham os negocios publicos; eis aqui o que passou depois da data das nossas communicações.

Os insurgentes, que desde então não fizeram acquisição alguma nova, não chegaram a atravessar o Tejo, senão com mui poucos homens, que depois regressaram logo para Castello Branco, d'onde partiram para a Guarda; ahí chegaram a 16, havendo-se-lhes reunido o Conde de Bomfim, que atravessára o Tejo em frente de Malpique: — pareciam marchar para Trancoso.

O Visconde de Vallongo escreve de Coimbra, a 18, que a 20 ficaria em Thomar com o regimento 8, entrando o 3 em Abrantès a 20.

Os Viscondes de Vinhaes e de Fonte Nova marcharam para a Guarda, passando o Douro a 16 no Pezo da Regoa.

O Coronel Rezende marchou a 19 para as Serradas com dois esquadrões de cavallaria 5, passando o Tejo em Villa Velha, para a 20 se unir ao barão de Leiria.

O barão de Leiria, que a 20 ficára em Castello Branco, devia logo que chegasse o coronel Rezende marchar para a Guarda.

O coronel do regimento 12 acha-se em Castello Branco reunindo os soldados que de continuo se lhe aggregam, fugidos dos levantados, tendo já sob as suas bandeiras 202 praças e alguns officiaes.

Tem continuado a ser tomadas providencias vigorosas, como a demissão dos implicados na revolta, prisões de suspeitos, responsabilidade tornada effectiva aos officiaes de fazen-

da, ordem de arresto nos bens dos complices da rebellião, e recolhimento das armas da antiga guarda nacional.

Hoje se abriram novamente as camaras. A dos deputados apresentou o governo um projecto de lei para continuacão da suspensão das garantias até o dia 31 de março; examinado pela commissão respectiva, foi approved, depois de algum debate; bem como um parecer da mesma commissão para que, em resposta ao Sr. deputado Beirão, que se achava detido a bordo de uma fragata, se declare que a camara tomará em particular contemplação o facto de que S. S.^{as} se queixa, para avaliar-o quando chegar o tempo de pedir conta ao governo do uso que houver feito dos poderes discricionarios que lhe foram conferidos.

A lei passará amanhã á camara dos pares, depois do que provavelmente será de novo prorogado o parlamento.

ACTOS OFFICIAES.

2707 *Diario do Governo de 12 do corrente.* — Relação de dez degradados para as ilhas de Cabo Verde. Ordem da armada n.º 112 de 31 de dezembro de 1843. Tabella da disposiçãõ de fundos no mez de dezembro de 1843; no valor de 1.982:402\$989 réis. Venda de bens nacionaes.

Idem de 13. — Portaria de providencias sobre direitos de uma fazenda denominada *escocozes*. Venda e remissão de fóros e pensões. Venda de bens nacionaes.

RESTABELECIMENTO DE UMA SAUDE PRECIOSA PARA MUITAS OUTRAS.

2708 Depois de termos dado a triste noticia do artigo 2693, congratulamo-nos de poder publicar a seguinte

(Carta.)

Grato sobremaneira a uma immensidade de amigos, que tiveram a delicadeza de se dirigirem a minha casa para se informarem do estado de minha saude, em virtude do artigo, que V. se deu ao incommodo de inserir no seu accreditado jornal, acerca do desastre que me aconteceu no dia 14 do corrente, e achando-me actualmente quasi restabelecido, aproveito este mesmo meio para protestar a V., e a todas as pessoas que se dignaram de me dar provas de tanta benevolencia, o meu sincero respeito e reconhecimento, assegurando-lhes que ficará indelevel no meu coração a gratidão que merecem estes rasgos de tão affectuosa amizade.

20 de fevereiro de 1844.

Sou etc.

Dr. João Antonino Brignoli.

NAUFRAGIO.

(Carta.)

2709 No dia 5 do corrente, pelas 5 horas da tarde, no sitio d'Atalaia, concelho de Lourinhã, duas legoas ao sul de Peniche, naufragou o brigue francez — Marie — capitão, *Pierre Bertin*, que no dia 27 de janeiro tinha saído de Setubal com carga de sal, e se destinava a Dunkerque. Salvaram-se dez pessoas da tripulação perecendo um moço, por nome *Jean Marie Brillant*, filho de *Jean Pierre*, residente em Saint-Servan. O brigue desfez-se inteiramente; houve, como quasi sempre acontece em casos semelhantes, muitos roubos e extravios: o capitão depois de se ter escapado aos perigos do mar, e quando em terra esperava achar seguro asylo, foi brutalmente espoliado de um sacco que encerrava tudo o que podera, no momento do perigo, junctar de melhor, a saber — 48 peças em oiro (moeda de Sardenha) no valor de 167:680 rs.: — um oitante (com esta marca, Hugues, London): uma sobrecasaca de panno preto, e calças da mesma côr, algumas joias de oiro e prata, como botões, aneis, fivelas, grande porção de livros de historia nautica, e viagens — as suas cartas, e outros objectos. A sua tribulação seria muito mais para lamentar, se não fossem as adequadas providencias dadas, logo que soube do naufragio, pelo Sr. Juiz da

Vara, digno administrador do concelho da Lourinhã, o qual não só conseguiu fazer cassar grande parte dos roubos, mas até suavizou de tal sorte os males da infeliz tripulação, mandando-os sustentar e aquartellar pelas melhores casas da Villa da Lourinhã, que os francezes fallando d'elle e da sua humanidade, diziam — *c'est un ange, c'est notre père que nous avons trouvé sur cette côte; il a agi envers nous comme le meilleur des pères.*

Eguaes elogios cabem ao Sr. João Leal Moreira vice-consul de França em Peniche, pelo muito que se tem disvelado, já promovendo e procurando todas as commodidades aos infelizes naufragados, confiados ao seu cuidado, já solicitando das auctoridades todos os auxilios para salvar os restos do navio e perseguir os roubadores.

Queira V., no caso de o julgar util, publicar esta noticia no seu interessante periodico: verdade é que para nós os portuguezes, amantes do credito nacional, não é ella das mais lisongeiras, porque vae patentear um facto de que nos devemos correr e envergonhar, mas póde ser que a sua publicidade chame a attenção das auctoridades, desperte no governo boa vontade de começar por uma vez a extirpar d'entre o povo rude e barbaro, o perverso costume de julgarem propriedade sua os objectos que o mar lança sobre as costas; — para se conseguir isto, basta, a meu vêr, um severo exemplo que lhes fique bem gravado na memoria.

Sou de V. etc.

Peniche 10 de fevereiro de 1844.

Pedro Cervantes de Carvalho Figueira.

ROMANTISMO NA VIDA REAL.

2710 «ACAABA em Coimbra de succeder um caso horroroso, que me contam da fórma e maneira seguinte. Um homem casado estava enfasiado da sua querida metade, por aquella regra que diz — nem sempre galinha; — e tractou de a substituir por outra que lhe tinha ferido as cordas sympathicas; tractou por tanto de se desfazer do empecilho, que se achava doente no hospital.»

«Ora como o tal homem estava no seu direito, consultou o progresso e o seculo das luzes, e mandou de presente a sua mulher dous bolos com algumas maçãs. A infeliz, que não desconfiava do infiel esposo, pegou em um bolo e deu com elle na sachristia, e partindo o segundo bolo o repartiu entre duas mulheres, suas companheiras no hospital.»

«Momentos depois, grandes ancias sentiram as pa-decentes! e dentro de oito horas, uma, sem ser a consorte, fez vispere, e as outras duas parece, ao menos uma, que lhe farão companhia!! o cadaver da morta foi levado ao theatro anatomico aonde se lhe fez a autopsia, e se lhe extrahiu do estomago uma prodigiosa quantidade de arsenico!! Este sr. Arsenico está sendo hoje muito moda! O marido charitativo, a mulher que levou o presente, e não sei se a substituta, tudo foi logo para a cadeia; veremos o que resulta do processo!»

«Aqui tem mais um acontecimento no gosto romantico, que dava um muito bom drama á nossa eschola normal! 1.º quadro, a força da natureza e do amor: 2.º, o juramento; 3.º, o boticario vendendo o arsenico: 4.º, o hospital: 5.º, as ancias e os vomitos: 6.º, a morte: 7.º o theatro anatomico, e a auto-

psia; 8.º, a prisão; 9.º, o tribunal dos jurados; 10.º, os itens judiciaes; 11.º, a decisão conscienciosa do jury; 12.º, as palmas, os vivas, os foguetes á liberdade, e os artigos da imprensa livre a favor das luzes do seculo! O seculo actual é todo um romance.»

Pobres no Porto.

MAIS UM DADO ESTATISTICO DA MORAL PUBLICA — NECESSIDADE DE PUNIÇÃO.

(Carta.)

2711 ANDAVA no dia 23 do mez passado um pastor, por alcunha o botas, apascentando o seu rebanho entre *Alvites* e *Val de Lugoa*, aldéas pertencentes á comarca de *Mirandella*. Era elle vivo transumpto d'aquelles virtuosos e singelos pastores, fantasiados por *Gessner* em seus idyllios.

No dia 22 talvez por toque do seu anjo, tinha-se preparado para um passamento christão, sem que, humanamente fallando, se visse motivo para taes aprestos, nem doença, nem rixa ou má vontade, nem sequer jornada ou mudança na sua pacifica existencia. Foi jubileu no dia 22, e tinha-se d'elle aproveitado. Andava-se no pasto guardando as suas ovelhinhas, e embebido talvez, segundo era seu natural, na consideração da divina bondade, quando algumas entraram em uma propriedade, onde pouco ou nenhum damno podiam fazer; o filho do senhor, vergontea degenerada de virtuosa stirpe, começa de cevar nos pobres animaes a sua furia com uma foice, cortando e matando n'elles. O pastor implora compaixão para as pobres victimas, que nem se sabem defender nem quasi queixar-se, senão com aquellas espadanas de sangue a repintar a terra, que não offenderam: — a resposta foi — «como lhe faço a ellas, vou já fazel-o a ti.» — Sem mais réplica larga direito ao pastor, embebe-lhe no alto da cabeça todo o ferro da foice, que dividindo-lhe o craneo pelo meio foi penetrar no cerebro. Estava alli uma creança, que fugiu a gritar por socorro; — quando porém chegou gente, encontrou um cadaver: — o sangue manso e innocente do pastor e das ovelhas, tinha confluído formando poças, onde os rafeiros saciavam a sede. O assassino fugira; porque, como diz o decano dos escriptores francezes — *Le tigre déchire sa proie et dort, l'homme devint homicide et veille.* — O morto deixou ao desamparo uma viuva e quatro creancinhas.

Tem-se dado providencias energicas, mas até agora baldadas, para ser capturado o assassino. Louvores ao juiz zeloso que não descança. Estes monstros, declarados inimigos da sociedade, devem ser inexhoravelmente banidos do seu seio. Os crimes multiplicam-se; a moral dos povos preverte-se cada vez mais: só penas severas, mas justas, é que poderão tapar ou diminuir essa voragem que ameaça engolir a sociedade.

Nota-se, diz *Beccaria*, em todas as partes do mundo physico e moral, um principio universal de dissolução, cuja acção não póde ser detida em seus effeitos sobre a sociedade, senão por meios que firm immediatamente os sentidos, e que se fixem nos espiritos, para contrapezarem por impressões vivas a força das paixões particulares: qualquer outro meio seria insufficiente. Se este escriptor falla genericamente, considerada a sociedade no seu estado normal, pelos mesmos principios nós devemos ter como infallivel, que sem uma severa punição dos delictos, menos poderá haver se-

gurança ou liberdade publica no estado anormal da sociedade.

O direito penal tem os seus principaes fundamentos no coração do homem; a sua necessidade é reconhecida pela moral e pela philosophia; porque penalidade não é outra coisa mais do que — a moralidade social posta em prática; — ella não tem por fim castigar por castigar, mas castigar para tornar melhor o culpado e os outros com o exemplo: attendam portanto os auctores e os applicadores das leis; attendam séria e religiosamente aos sagrados deveres, que n'esta parte lhe foram confiados, e que elles acceitaram pelo mais solemne juramento: — só d'esta maneira poderemos chegar á liberdade e segurança publica.

Mirandella 1 de fevereiro
de 1844.

Um Philosopho Mirandellano.

AMOR PATERNO DE UM ARRIEIRO.

2712 Quarta feira á noite, em *Cima de Villa*, um alquilador de cavalgaduras deu uma facada em seu filho por este lhe não abrir a porta.

Pobres no Porto de 3 de fevereiro.

ALBUM EVANGELICO.

2713 ACABAMOS de ver um livro ainda em branco, que tem por titulo — *Segunda parte da subscrição para o Asylo da Mendicidade* — com uma linda vinheta representando a charidade, mandado fazer pelo Sr. *Jacinto José Dias de Carvalho*, para solicitar das familias abastadas, a costumada subscrição para manutenção dos pobres recolhidos no *Asylo de S. Antonio dos Capuchos*, dos quaes o Sr. *Dias de Carvalho*, como todos sabem, é o mais feliz e activissimo procurador que lhes Deus podia deparar.

¿Quem, sabendo que vae com aquillo que poder distrahir dos seus haveres amparar os derradeiros dias de quatrocentos e septenta e cinco de seus irmãos pobresinhos e achacados, que alli estão sempre a rezar por conta dos seus bemfeitores, ¿quem, repetimos, deixará que lhe saia de casa em branco, este singular e gracioso album, onde para qualquer ser sentencioso aos olhos de Deus, senão já aos dos homens, basta escrever o seu nome, e adiante uns algarismos?

E mais ainda, se todos esses a cujas mãos elle fôr parar, se lembrarem de que as suas esmolos não serão unicamente sommadas pela arithmetica dos homens, porque lá disse Christo a seus discipulos no templo, quando viu uma triste viuva deitar dois réis no mealheiro dos pobres (o gazophilacio): *Aquella deu mais que os ricos, porque deu da sua pobresa.*

Feliz, felicissimo auctor é o Sr. *Dias de Carvalho*, cuja obra, como de misericordia, não teme criticos nem censuras; e mais felizes ainda os subscriptores do seu livro, que sem trabalho de leitura — tomam e dão uma bella lição do Evangelho. *S. Tullio.*

ERRATA.

No artigo meteorologico n.º 2671, do antecedente numero, pag. 309, 1.ª col. lin. 16 do artigo, 20 millímetros — lea-se 34 millímetros — Mesma pag., 2.ª col., lin. 17; — 130 depositos; lea-se 1300 depositos.